

O ENCONTRO DE SI, NO OUTRO: CORPO, SEXUALIDADE E ESTRANHAMENTO EM “PEQUENO MONSTRO”

Francisco Aedson de Souza Oliveira; José Vilian Mangueira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, aedsonsouza@yahoo.com.br, Universidade Estadual da Paraíba, vilian_mangueira@yahoo.com

Caio Fernando Abreu é um dos nomes de mais destaque no cenário da literatura brasileira dos últimos anos, pela sua maestria em criar personagens que representam a sensibilidade do ser humano em lidar com questões como identidade, sexualidade, repressão, entre outros. Por essa razão, este trabalho tem como objetivo analisar o encontro de si no outro no conto “Pequeno monstro” de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), dando destaque às configurações do corpo, da sexualidade e do estranhamento de si na constituição da identidade homoafetiva da personagem “monstro”. Em linhas gerais, o conto narra a história da descoberta do corpo e, conseqüentemente, da sexualidade do narrador protagonista com o primo Alex, que chega para passar um fim de semana em uma casa de praia alugada, com quem tem sua primeira relação sexual. Consta-se na narrativa que a descoberta de si no outro é figurada - concomitantemente - com as transformações do corpo e da revelação da sexualidade da personagem protagonista que busca se reconhecer na imagem do primo estrangeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu. “Pequeno monstro”. Corpo e Sexualidade. Estranhamento de si.

INTRODUÇÃO

Nunca se falou tanto em corpo e sexualidade como na contemporaneidade, tendo em vista que esses são dois aspectos que influenciam significativamente na construção da identidade dos sujeitos que estão inseridos nesse contexto em que há uma supervalorização da imagem corporal e social. Essas imagens normalmente são atreladas às relações de poder e são convencionadas como “normais” historicamente e colocam em evidência as diferenças como estigmas: ser baixo, ser gordo, ser mulher, ser homossexual, entre outros. Características essas que inserem os indivíduos que não acompanham o padrão social estipulado dentro do grupo dos excluídos e dos considerados estranhos, o que pode despertar vários problemas psíquicos e identitários. Especificamente sobre o corpo, Serrato (2010, p. 154), afirma que: “O corpo torna-se um espaço expressivo, projeta exteriormente as significações das coisas, dando-lhes um lugar e, ao mesmo tempo, aquilo que faz com que elas passem a existir. Não há mais limite entre o corpo e o mundo, eles se entrelaçam em toda sensação”, inclusive na sexualidade. É a partir desse viés que este trabalho tem como objetivo analisar o encontro de si no outro no conto “Pequeno monstro” de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), dando destaque às configurações do corpo, da sexualidade e do estranhamento de si na constituição da identidade

homoafetiva da personagem “monstro”. Nesse sentido, os estudos de Louro (2000) e Serrato (2010), sobre corpo e sexualidade, e Oliveira (2017), sobre o estranhamento de si, são fundamentais para despertarmos uma reflexão acerca dessas categorias no referido conto.

A METAMORFOSE DO SER “MONSTRO”: CORPO, SEXUALIDADE E DESCOBERTA DE SI

O conto “Pequeno monstro” de Caio Fernando Abreu, publicado em *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), narra, a história de descoberta da sexualidade de Alex que ocorre após sua primeira relação homoafetiva com o primo Alex que veio passar o fim de semana com a família em uma casa de praia alugada. A princípio a vinda do primo causa certo desconforto para o narrador que afirma: “[...] eu não gostei nem um pouco. Não por causa dele [...]. Mas por minha causa mesmo, que tinha começado a crescer para todos os lados, de um jeito assim meio louco” (ABREU, 2012, p. 121). Nessa cena fica visível a não aceitação do jovem em relação ao seu corpo, que cresce involuntariamente. Desse modo, entende-se que o narrador/protagonista não quer a presença do primo porque ela o lembraria do modo como o seu corpo está num processo de evolução que não lhe traz conforto.

O primo Alex, indivíduo mais velho e experiente, é aquele que vem de longe e está de passagem – é o típico estranho – ele é o responsável na narrativa por desestabilizar o ambiente, bem como por conduzir pouco a pouco o jovem narrador a encontrar sua verdadeira identidade ao reconhecer e experimentar os desejos do corpo. Para Oliveira (2017) a sina do estranho é a fluidez, à deriva em busca de um lugar e em busca também de si mesmo. Essa condição de estranho/estrangeiro do primo é anunciada pelo jovem por meio da seguinte frase: “Nem bom, nem mau, cheiro de gente estranha recém-chegada de viagem. [...]. Quase não consegui comer, de tanto ódio” (ABREU, 2012, p. 124).

Através de um narrador protagonista, o leitor vai tomando conhecimento sobre os acontecimentos que marcaram de forma significativa a adolescência e a vida da personagem central. Ao vivenciar as mudanças corporais naturais nessa fase, não muitas vezes aceitas com naturalidade, o protagonista deseja conhecer o próprio corpo e o corpo do outro. Essa não aceitação do que é físico é metaforizada na seguinte passagem: “Pernas e braços demais, pelos nos lugres errados, uma voz que desafinava igual de pato, eu queria me esconder de todos [...] vezenquando chorava e repetia: pequeno monstro, pequeno monstro, ninguém te quer” (ABREU, 2012, p. 121). A adolescência do

protagonista é sugerida quando descreve o crescimento dos pelos nas regiões pubianas, a mudança na voz. Angustiado por essas transformações, o narrador sempre procura a praia no final da tarde, horário em que a mesma está vazia. Ali sozinho o rapaz consegue refletir, refugia-se do olhar de indiferença dos pais e dos familiares, como fica explícito no fragmento que segue: “Uma mãe insistindo o tempo inteiro pra tu ires a praia na mesma hora que todo mundo *normal* vai e um pai que te olha como se tu fosses a criatura mais nojenta do mundo [...]” (ABREU, 2012, p. 121). O olhar repressor da personagem sobre si e da família vai de encontro com a descoberta da sua sexualidade que será desencadeada a partir da chegada do primo Alex.

Ao nos debruçarmos mais sobre narrativa percebemos que ela se divide em duas fases que são primordiais para a construção da identidade do narrador protagonista: a primeira em que ele constrói apenas uma imagem negativa sobre si mesmo, chegando a se autointitular de pequeno monstro; e a segunda, que tem início com a chegada do primo Alex que desencadeia a desconstrução dessa imagem negativa sobre si, afinal encontra uma figura com a qual possa se identificar e com quem tem sua primeira relação homoafetiva.

A chegada de Alex causa um impacto de imediato na vida do narrador protagonista em relação a seu espaço privado – como a casa e o quarto - e também ao externo, já que o mesmo passa a acompanhá-lo até a praia e a partir disso começa a lhe apresentar um universo novo, diferente, uma nova cultura. Há todo um suspense em relação ao primeiro encontro dos dois, pois a imagem que o narrador protagonista enxerga de Alex é totalmente diferente da que ele criou, pois “não tinha nenhum barulho de ronco, nenhum cheiro de peido no ar, só aquele perfume meio enjoativo do jasmineiro ali no pátio ao lado” (ABREU, 2012, p. 125). Da sua cama, através do reflexo da lua que entrava pela janela e batia direto no primo, o narrador personagem agora ao contemplá-lo melhor começa a desenvolver um processo de reconhecimento de si ao observar o corpo de Alex que já havia passado pelas transformações que ocorrem na adolescência e, por isso, tinha tudo no lugar certo. Tendo a luz da lua como testemunha e inebriado pelos cheiros, o rapaz afirma: “Não sei por quê, mas de repente todo o meu ódio passou. [...] Alex inteiramente pelado [...] dava uma coisa assim que eu não entendia direito [...] quem sabe aquele ódio se transformando devagarzinho em outra coisa que eu ainda não sabia o que era (ABREU, 126, p. 126). O sentimento que ora é indiciado pelo o narrador e para o leitor é apresentado de uma forma bastante subjetiva, afinal estavam ali sozinhos. Alex seduz o primo - a princípio - involuntariamente.

O primeiro contato direto se dá após o almoço, quando Alex chega da praia e encontra o narrador personagem dormindo em uma rede e começa a espiar por cima dela, causando um susto no

jovem que se depara com “Uma cara morena muito próxima, um cheiro forte de suor e de mar [...] era a cara do primo Alex [...]. Ele sorriu para mim, mas a cara estava perto demais, não consegui sorrir de volta nem nada, por educação que fosse” (ABREU, 2012, p. 128-129). É possível perceber uma troca de olhares frequente, à medida que o primo parece desenvolver um jogo de sedução metaforizado no modo de dormir, de tirar a areia do corpo embaixo do chuveiro colocando a mão por dentro do calção, cuspidando a água. Esse desejo latente em relação ao outro começa a influenciar na rotina do jovem protagonista que evidencia: “Pelo resto daquele dia, não consegui fazer mais nada” (ABREU, 2012, p. 130).

Ao observar e desejar o corpo do outro, o jovem descobre as sensações do seu. No entanto, eram sensações que não sabia explicar, não sabia sequer identificar ou nomeá-las, apenas sentia. Confuso corre para trás de casa como forma de fugir e organizar melhor os sentimentos ora aflorados, porém ao se aproximar da janela do quarto e empurrar de leve a persiana se depara com outra cena erótica do primo que agora se masturbava, o que fica claro quando o narrador descreve seus movimentos: “Ele estava nu [...]. Todo parado o primo Alex, só mexia o braço direito que eu não via inteiro, porque ele estava de costas para mim. Cada vez mais depressa, até que ele primeiro gemeu baixinho, depois mais alto, suspirou, o corpo inteiro tremendo” (ABREU, 2012, p. 131).

Ainda sem saber ao certo o que Alex estava fazendo com aquele movimento cada vez mais rápido no braço seguido de gemidos cada vez mais intensos, a personagem central se perturba e decide ir à praia mesmo que ainda fosse cedo. Diante de tudo que estava acontecendo, sai correndo, sem rumo: “Não conseguia parar. Só parei quando o coração disparou demais, e minha cara ficou lavada de suor, bem na frente do farol. Então olhei em volta, vi que não tinha ninguém e fiz uma coisa que nunca tinha feito antes” (ABREU, 2012, p. 131-132). O farol é por excelência o símbolo da orientação de um caminho a ser seguido. É por meio dele que os marinheiros não correm o risco de se perderem em alto mar. Era exatamente de uma direção que o protagonista da narrativa necessitava para seguir em frente e enfrentar todos os seus medos, desvelar sua verdadeira identidade homoafetiva.

Angustiado e sozinho na praia, pela primeira vez tira a roupa e completamente nu segue em direção ao mar, a fim de explorar seu corpo e o que ele era capaz de despertar. Ao se despistar da roupa, também se despe dos preconceitos de sua família e dos seus medos. Deitado na areia, o narrador personagem ainda virgem e na ânsia por descobrir o prazer, inicia uma sequência de atos: tira a roupa e excitado parece viver uma experiência erótica com o mar que com seu movimento elíptico acaricia o corpo do jovem despertando um prazer intenso nas regiões mais erógenas, ao passo que abre a bunda para sentir aquilo de maneira mais forte. Esse gesto revela seu desejo inconsciente de ser

penetrado pelo outro e não por acaso pensa no movimento do braço de Alex. O mar, nesse caso, caracteriza-se como metafórico já que nesse ato simbólico da perda da virgindade representa o primo estrangeiro.

Ao se dar conta do horário, o protagonista volta para casa e chega ofegante e, apesar de não desejar encontrar Alex, durante o jantar o pai manda ele convidar o primo para junto saírem para dar uma volta na praça. Nesse dia, conversaram, beberam e fumaram. Atraídos, o olhar continua sendo a marca central entre ambos. É olhando e se reconhecendo no que ver que ele deseja ser igual. Estar ali mais o primo eleva sua autoestima: “De repente me deu assim como uma vaidade daquelas pessoas todas estarem me vendo ali, ao lado dele, e aí aconteceu uma coisa maluca. Por um segundo, parei de me sentir monstro” (ABREU, 2012, p. 134). Ao continuar observando o corpo do primo e o seu, começa a desconstruir a imagem de monstro que criou para si, afinal parecia bonito também, não era um monstro. Na volta do banheiro, o adolescente se depara com o primo pelado de costas na cama, e não consegue mais disfarçar o desejo que sente pelo corpo dele. Sob o efeito da bebida e meio descarado confessa que havia espiado o companheiro de quarto durante a tarde enquanto dormia e é surpreendido pelo estrangeiro quando revela que não estava dormindo, mas sim, “[...] estava batendo punheta” (ABREU, 2012, p. 137).

Banhados pelo reflexo da lua, o primo convida-o para conduzir ao reconhecimento do corpo através do ato da masturbação, como fica expresso no seguinte trecho: “Ele afundou a boca na minha boca enquanto eu sentia a palma da minha mão aos poucos ficar molhada daquele fio de prata brilhante que saía de dentro dele e sabia que de dentro de mim saía também (ABREU, 2012, p. 138). O beijo na boca atesta a relação sexual de ambos que permanecem por um tempo colado ao peito do outro escutando o ritmo acelerado de seus corações, sentindo o cheiro dos corpos molhados de suor e prazer. Atingir o prazer é metaforicamente dar o grito de liberdade para sua verdadeira identidade sexual, para a aceitação das mudanças corporais, deixando para trás sua identificação de monstro. O monstro, ser emblemático para a narrativa, pode ser, associado de acordo, com Chevalier e Gheerbrant (2015), a um rito de passagem, que nos direciona para o momento em que o narrador personagem se envolve sexualmente com Alex e não se reconhece mais um ser desproporcional. Nesse sentido “Todo ser atravessa o seu próprio caos antes de poder estruturar-se, a passagem pelas trevas precede a entrada na luz. Convém superar em si mesmo o incompressível [...]” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 615).

No dia seguinte, após o contato sexual, os dois vão à praia bem mais cedo que o narrador protagonista costumava ir já que o primo ia embora logo ao fim da tarde. Esse horário na natureza é

conhecido pela beleza do crepúsculo que normalmente encerra mais um ciclo, que simbolicamente também representa o fim dessa fase perturbada do jovem. É nesse lugar que Alex continua a ensinar mais coisas ao primo como mergulhar, boiar, situação que o deixa à vontade em plena manhã em meio a praia, afinal não se via mais como monstro. Já no espaço da casa, almoçam e vão juntos para o quarto quente devido ser coberto de zinco, onde segundo a personagem central aprendeu outros caminhos. Ao se referir a outros caminhos, fica sugerido que deve ter acontecido uma outra relação sexual entre os dois bem mais intensa, já que é notório a atração que sentiam um pelo outro. Para cumprir a sina do estrangeiro, Alex parte com o objetivo de atravessar novas fronteiras físicas e de si, viver novas experiências. Ao ser questionado pela mãe se sentia falta de Alex, o narrador afirma que não, porém tem consciência de que nunca irá esquecê-lo, pois “sabia que o primo Alex tinha ficado para sempre [com ele]. Guardado bem aqui, na palma da [sua] mão” (ABREU, 2012, p. 139, *alterações nossas*).

Em “Pequeno monstro” acompanhamos a reconfiguração do narrador personagem que se sentia um monstro pelas mudanças corporais e pela falta de conhecimento da sua sexualidade. O passar do tempo despertou no jovem sentimentos de repulsa e incompreensão em relação a seu corpo e a sua sexualidade. Suas antigas frustrações são resolvidas após a chegada do primo que ao partir deixa ensinamentos que jamais serão esquecidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. “Pequeno monstro”. In: ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia e sexualidade. In: _____. **O corpo educado: pedagogia e sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1> acesso em 8 de junho de 2017.

OLIVEIRA, Francisco Aedson de Souza. **A metáfora do estranho em Estranhos estrangeiros de Caio Fernando Abreu**. Curitiba: Appris, 2017.

SERRATO, Andréia Cristina. O corpo e a sexualidade na cama de procusto: valores e desafios na contemporaneidade. **Revista Pistis Praxis e Teologia e Pastoral**, Curitiba, V. 2, n. 1, p. 145-172, Jan/Jun, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/A3dsoN/ Down loa ds/pistis-3552%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/A3dsoN/Down%20loa%20ds/pistis-3552%20(1).pdf) acesso em 08 de junho de 2017.